

**CÁTEDRA JEAN MONNET
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROJETO GLOBAL CROSSINGS**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA
NOS BASTIDORES DA EXPOSIÇÃO TRAVESSIAS GLOBAIS
POR CLAUDIA LOUREIRO¹**

¹ Coordenadora da Cátedra Jean Monnet da Universidade Federal de Uberlândia. Professora Permanente do PPGDI/UFU. Professora de Biodireito e de Direito Ambiental FADIR/UFU. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFABC. Doutora e Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estágio de Pesquisa Pós-Doutoral em Direito concluído em FDUC (2006); FADUSP (2019) e NOVA School of Law (2022). Coordenadora do Grupo Biodireito, Bioética e Direitos Humanos/UFU. Coordenadora do Observatório Interamericano e Europeu dos ODS/UFU. Coordenadora da Clínica Humanitas/UFU. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8808192737927290>.

Introdução

A exposição virtual travessias globais foi uma atividade realizada no âmbito da Cátedra Jean Monnet, da Universidade Federal de Uberlândia, Projeto Global Crossings em parceria com o Museu da Imigração do Estado de São Paulo, que foi divulgada pelo Google Arts & Culture².

O objetivo desse relato é apresentar a pesquisa preparatória e preliminar que foi realizada pela Coordenadora da Cátedra Jean Monnet, a Profa. Claudia Loureiro, que resultou na exposição virtual.

O título da exposição é o mesmo que nomeia o Projeto de Pesquisa da Cátedra Jean Monnet, Travessias Globais, em Inglês, Global Crossings. A ideia do título do projeto surgiu da pesquisa realizada pela Profa. Claudia, desde 2020, no Grupo de Pesquisa Biodireito, Bioética e Direitos Humanos, da Universidade Federal de Uberlândia, certificado pelo CNPq.

Com o início da pandemia, a comunidade global se viu diante de diversos desafios e da necessidade de revisitar conceitos, princípios e valores e, um dos maiores questionamentos incidiu em torno da ressignificação das fronteiras. Por isso, o projeto recebeu o título – Travessias Globais – para refletir sobre a forma como a pandemia provocou a redefinição das fronteiras entre o vírus e a humanidade.

Ao submeter o Projeto de Cátedra Jean Monnet, optou-se por três linhas de pesquisa: cidadania global, mudanças climáticas e ecocídio e *trans_ humanidade*. No eixo cidadania global concentram-se as discussões a respeito da mobilidade humana, das migrações, do refúgio, asilo e apatridia. Na linha mudanças climáticas e ecocídio, pesquisamos os efeitos do aquecimento global, dos desastres ambientais na concretização dos direitos humanos, com foco no crime de ecocídio. Na linha *trans_ humanidade* refletimos sobre os interesses da humanidade, sobre bioética global, sobre conceitos, institutos e princípios importantes para a consolidação de humanidade como um todo, ou seja, *humankind*.

Com essas três linhas de pesquisa alinhadas ao tema central - Travessias Globais - o projeto Global Crossings propõe novas formas de se pensar a humanidade como um conjunto de valores e princípios pertencentes à consciência universal da humanidade.

A exposição – Travessias Globais – foi pensada para refletir essas ideias a partir do conceito de cidadania global e de *humankind*.

A exposição virtual teve como base a pesquisa que apresento como relato de experiência, esclarecendo que foi a pesquisa preliminar feita pela Profa. Claudia Loureiro, antes da Parceria firmada com o Museu da Imigração, pois, após o diálogo com o Museu, a pesquisa adquiriu uma nova identidade, conjugando os ideais do Projeto Global Crossings e do Museu da Imigração.

² A exposição pode ser acessada a partir do Google Arts & Culture e é intitulada “Travessias Globais”, conforme o seguinte endereço eletrônico: <https://artsandculture.google.com/story/wwXRl43CozCcag?hl=pt-BR>.

A metodologia utilizada seguiu o formato de relato de experiência, partindo-se do método dedutivo, ou seja, das premissas de que existe a necessidade de se fomentar a cidadania global, bem como de se disseminar o conceito de *humankind*. Foram utilizados, textos, poemas, fotos, letras de músicas relacionadas ao tema central da proposta para auxiliar a construção da conclusão de que as fronteiras da comunidade global foram redesenhadas pela própria história da humanidade.

O objetivo da pesquisa é apresentar o relato da experiência vivenciada pela Coordenadora da Cátedra Jean Monnet/UFU ao realizar a pesquisa para a exposição. Por ser um relato de experiência, houve a colocação em primeira pessoa e não foi seguido o rigor e o formalismo exigidos para um artigo científico.

1 Sobre o projeto Global Crossings

GLOBAL CROSSINGS é um Projeto de Pesquisa que se desenvolve no âmbito da Cátedra Jean Monnet, União Europeia, Erasmus+ , com três eixos principais: cidadania global; mudanças climáticas/ecocídio e *trans_humanidade*, cujas informações podem ser encontradas no site oficial do projeto³.

Coordenado pela Profa. Claudia Loureiro, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, o projeto está sendo executado com a realização de atividades científicas, como eventos científicos em geral, Congressos, Seminários, Ciclos de Palestras, publicação de artigos, guias, cartilhas, palestras, ou seja, atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A Profa. Claudia Loureiro, coordenadora do Projeto, é Professora Efetiva do Magistério Superior, exercendo as suas atividades como docente da Universidade Federal de Uberlândia. É Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestre pela mesma Instituição de Ensino Superior e exerce o magistério desde 1999. Ela também concluiu três estágios de pesquisa Pós-Doutoral. O primeiro, em 2016, pela Universidade de Coimbra; o segundo, em 2019, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e o terceiro, em 2021, pela NOVA School of Law, de Lisboa.

Atualmente, a Profa. Claudia Loureiro é Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Uberlândia e docente do Curso de Graduação em Direito da mesma Instituição de Ensino Superior, bem como Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC.

Como o próprio Projeto anuncia, Global Crossings – Travessias Globais - é uma oportunidade para novas conexões, novas pontes e novos caminhos para pesquisadores e para a disseminação do conhecimento de forma democrática e ética.

1.1 Sobre a Exposição

³ O link direto para o endereço eletrônico oficial do Projeto Global Crossings pode ser acessado nos seguintes termos: <https://www.globalcrossings.com.br/en/>.

A exposição virtual, TRAVESSIAS GLOBAIS, foi uma atividade proposta pelo Projeto Global Crossings, da Cátedra Jean Monnet, da Universidade Federal de Uberlândia, sob a Coordenação da Profa. Claudia Loureiro, que também é curadora da exposição.

A ideia principal da exposição foi trabalhar a noção de cidadania global, como um instituto jurídico que se desenvolve além do vínculo jurídico político que um ser humano tem com o seu estado de origem, para proporcionar o respeito aos direitos humanos em qualquer parte do mundo, com o exercício da cidadania no âmbito global, abordando a mobilidade humana como parte da essência da evolução da humanidade.

Além disso, a exposição pretendeu demonstrar como o ser humano pode transcender a si mesmo, relacionando-se no contexto multicultural, de forma ética, inclusiva, democrática e igualitária.

Com textos, vídeos, imagens e cartas de chamada, a exposição virtual – TRAVESSIAS GLOBAIS – promove o princípio humanidade, com a finalidade de se concretizar o ideal da humanidade como um todo, *humankind*, com a consecução dos valores que transcendem as fronteiras, inerentes a toda a comunidade internacional, como o direito humano de migrar, o dever de dar acolhimento aos migrantes e de amenizar o sofrimento humano.

Espera-se, assim, que a exposição possa tocar o coração das pessoas e promova o sentimento de empatia e da compaixão, com o reconhecimento da dignidade do outro como um ser político.

A curadoria da exposição ficou a cargo da Profa. Claudia Loureiro (Cátedra Jean Monnet/UFU) e da Pesquisadora Evelize Moreira (Museu da Imigração). A realização foi da Cátedra Jean Monnet, Universidade Federal de Uberlândia, Projeto Global Crossings, do Museu da Imigração e do Google Arts & Culture, com financiamento da União Europeia.

A exposição Travessias Globais é realizada no contexto da Cátedra Jean Monnet, da Universidade Federal de Uberlândia, Projeto Global Crossings, sob a coordenação da Profa. Claudia Loureiro, dentro da linha de pesquisa sobre cidadania global.

O objetivo da exposição é disseminar o conhecimento sobre o instituto da cidadania global, em especial sobre o tema da migração, numa linguagem acessível ao público, com a finalidade de promover o letramento das pessoas a respeito do direito humano de migrar.

Além disso, a exposição visou consolidar o ideal de humanidade em sua perspectiva coletiva, ou seja, *humankind*, para incentivar o respeito das pessoas em relação aos migrantes forçados que buscam recuperar a sua noção de pertencimento nos países de destino.

A pesquisa, inicialmente, foi organizada em sete seções que se destinaram a transferir o conhecimento sobre o direito humano de migrar e sobre o significado do instituto jurídico da cidadania global contendo textos, fotos, vídeos, cartas de chamada e depoimentos que refletiram a vida das pessoas que se encontram em mobilidade humana, especificamente migração forçada.

Além disso, a exposição buscou abordar a necessidade de se promover o acolhimento dos migrantes forçados, com a validação dos sentimentos envolvidos, conclamando os Estados

a promoverem o acolhimento do migrante, que é sujeito de direito e que não pode ser desumanizado.

A seguir um relato de cada seção desenvolvida inicialmente, como pesquisa preliminar, para fomentar o resultado final.

1.2 Gente do mundo, mundo das gentes

A primeira seção inicialmente idealizada pela pesquisadora girou em torno da ideia da mobilidade humana como transformadora dos conceitos de fronteira, cidadania, soberania, pertencimento, assumindo relevância global e consolidando uma perspectiva transnacional.

Tem-se como conceito preliminar a ideia de que migrar significa mudar de um local a outro. A migração é gênero que pode ter como espécies a migração forçada e a voluntária. Travessias Globais propõe reflexões a respeito da migração forçada, considerando-se que a mobilidade humana pode se expressar através da migração, do refúgio, e do asilo⁴.

Do site do Museu da Imigração, extrai-se a seguinte passagem a respeito do conceito de migrar:

A etimologia nos diz que imigrar decorre da junção entre *migrare*, “mudar de residência/ condição” + *in* “para dentro”. Este termo é bastante difundido entre nós aqui no Brasil e tem uma larga história de utilização. O próprio edifício do Museu da Imigração surge como Hospedaria de Imigrantes, inaugurada em 1887. A localização dessa Hospedaria foi decidida estrategicamente, considerando tanto as duas linhas férreas que vinham dos portos onde desembarcavam os imigrantes (a antiga Central do Brasil e a São Paulo Railway), assim como a proximidade com as estações desde as quais estes eram levados ao interior. Como na etimologia da palavra, essa pequena história da localização da Hospedaria de Imigrantes nos serve para perceber que quando falamos de imigrantes, chamamos atenção para pessoas que adentraram a um território, permanecendo nele. Na atual configuração geopolítica, em que os territórios são divididos por fronteiras nacionais, imigrar geralmente refere-se a entrada de uma pessoa a um determinado país e sua instalação. Para entrar em um país, porém, essa mesma pessoa teve de sair de outro. É por esse motivo que quando falamos de imigrante, por oposição a emigrante (do verbo *emigrare*: *migrare*, “mudar de residência/ condição” + *e* “para fora”), tendemos a assumir o ponto de vista do país em que a pessoa entrou e permaneceu. Se o imigrante ao se deslocar “entra” em algum lugar, este lugar nada mais é que o país de chegada (Migrante [...], 2019)⁵.

O conceito de imigração e de emigração também foram trabalhados pelo Museu da Imigração:

⁴ LOUREIRO, Claudia. **Refugiados e Apátridas no Direito Internacional**. Belo Horizonte: Arraes, 2018.

⁵ MIGRANTE, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar? **Migrações em Debate**, São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/en/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 30 mar. 2025.

Imigrar e emigrar, de fato, podem formar um par de opostos, sendo a escolha por qual palavra utilizar apenas uma questão de ponto de vista assumido pelo enunciador. Todo imigrante no país de destino é um emigrante no país de origem. No uso corriqueiro, ambos termos sugerem o atravessamento de, pelo menos, uma fronteira nacional, sendo, nesse caso, imigrante internacional e emigrante internacional as expressões mais adequadas para descrever tal situação. A Lei de Migração (Lei nº 13.445), legislação brasileira que trata dos deslocamentos internacionais, tem um capítulo específico (VII) para tratar “Das Políticas Públicas para os Emigrantes” e “Dos Direitos do Emigrante”. Com isso, o Estado brasileiro assume a sua responsabilidade perante os direitos de seus cidadãos, independentemente de eles estarem residindo em outro território nacional. No Brasil, a emigração internacional se intensificou principalmente nas décadas de 1980 e 1990, quando países como Estados Unidos, Japão, Paraguai, Itália, Alemanha, Portugal e Uruguai tornaram-se os destinos mais buscados por brasileiros que vivenciaram a recessão econômica da década de 1980. Nesse período, expressões como “brasileiros nos Estados Unidos”, “brasiguaios” ou “comunidade brasileira no Japão” circulavam nos meios de comunicação, relatando-nos “aqui” como os brasileiros viviam “lá”. Assim como “imigrante” (que veio de “lá”, para viver “aqui”), dessa maneira, o termo “emigrante” chama a atenção para entrada e permanência, só que desta vez, desde o ponto de vista do país de origem (Migrante [...], 2019)⁶.

A mesma instituição reflete sobre o conceito de migrante:

Dissemos que “imigração” e “emigração” referem-se aos deslocamentos internacionais e à permanência no país de destino. Em contraposição, o termo migrante, por muitas vezes, é utilizado para denominar aquele que se desloca em espaço circunscrito a um território nacional. “Migrante interno” ou “migrante nacional” também são expressões utilizadas, mostrando como este termo tende a compor um conjunto com os dois anteriores. Desse modo, os termos apresentados até aqui se complementam: por um lado estão os “imigrantes” e “emigrantes internacionais” e, por outro, estão os migrantes internos (Migrante [...], 2019)⁷.

Com base nesses conceitos preliminares, pode-se afirmar que migrar é da essência da humanidade. Nesse sentido, o historiador Willian MacNeill afirma que “É seguro presumir que, quando nossos ancestrais se tornaram plenamente humanos, eles já eram migratórios, movendo-se na caça de grandes animais”⁸.

Dessa forma - mundo das gentes e gente do mundo – pode fomentar a afirmação de que o mundo é uma verdadeira tribo global⁹.

⁶ MIGRANTE, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar? **Migrações em Debate**, São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/en/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 30 mar. 2025.

⁷ MIGRANTE, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar? **Migrações em Debate**, São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/en/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 30 mar. 2025.

⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. Apud. DUFOIX, Stéphane. *Diasporas*. University California Press, 2015, p. 35.

⁹ APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitanism. Ethics in a world of strangers**. New York: Norton, 2007.

A imagem extraída do site da BBC retrata um pouco a incerteza e os desafios da mobilidade humana. Um berço perdido no meio do deserto propõe o contraponto do sentimento de pertencimento ao mundo. A ausência é o sentimento predominante na vida dos migrantes involuntários, que se arriscam pelo mundo em busca de sobrevivência.



Fonte: SEZER, 2014. Legenda: Para chegar ao Mediterrâneo muitos imigrantes têm que fazer uma viagem exaustante por terra, suportando um calor extremo e a poeira intensa, como neste lugar isolado em um ponto da fronteira entre a Síria e a Turquia. Ao invés de pessoas, o fotógrafo Murad Sezer, da Reuters, encontrou apenas um berço abandonado. 'Para mim, aquilo era a própria representação de uma certa desesperança', disse ele¹⁰.

Isso nos remete ao direito de migrar, considerado direito humano garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 em seus artigos 13 e 14 que assim dispõem:

Artigo 13

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.
2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar.

Artigo 14

1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.
2. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas (Organização das Nações Unidas, 1948)¹¹.

¹⁰ 10 FOTOS chocantes da crise dos imigrantes. **BBC News Brasil**. 4 SET. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_10_imagens_imigracao.

¹¹ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 29 mar 2025.



Fonte: Legenda: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020.

Legenda: Crianças lendo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), pouco após sua adoção. Foto: © Arquivo ONU (<https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>)

Conforme já foi salientado anteriormente, a locomoção das pessoas entre fronteiras pode se dar de forma voluntária ou forçada. Essa exposição trata da migração involuntária, situação diante da qual as pessoas são forçadas ao deslocamento, cruzando as fronteiras sem documentos e sendo consideradas, por isso, ilegais ou irregulares pelos Estados.

É preciso ressaltar que nenhum imigrante é ilegal, uma vez que todos buscam por melhores condições de vida e, muitas vezes, por sobrevivência nos países de destino. Muitos deixam os seus países de origem para fugir das atrocidades vivenciadas e, assim, migram sem documentos e sem obter a prévia autorização dos Estados de destino, mas, mesmo assim, essas pessoas não podem ser consideradas ilegais ou irregulares, pois isso equivaleria à revitimização desses seres humanos, uma vez que essas pessoas realizam travessias globais por diversos motivos: conflitos armados, desastres ambientais, degradação dos direitos humanos, sobrevivência, melhores condições de vida.

Logo, migrar é um direito humano e nenhum migrante pode ser considerado ilegal¹². Apesar disso, a desumanização é uma realidade imperante. A foto abaixo demonstra o horror vivido pelas pessoas, inclusive crianças para se dirigirem aos seus destinos. Seres humanos desumanizados, tratados como criminosos, retrato da falta de compaixão e, principalmente, da inobservância dos direitos humanos.

¹² LOUREIRO, Claudia. **Refugiados e Apátridas no Direito Internacional**. Belo Horizonte: Arraes, 2018)



Fonte: VOJINOVIC, 2015. Legenda da foto, Em agosto, um dia depois da Macedônia fechar suas fronteiras aos imigrantes, após ter declarado estado de emergência, os que tentavam entrar naquele país tiveram que enfrentar os guardas que cumpriam as ordens de impedi-los. A foto feita por Darko Vojinovic, da AP, capturou a expressão de desespero do jovem pai. Na semana anterior, as autoridades macedônias registraram a entrada de 39 mil imigrantes que cruzaram o país em rota para a Hungria, país membro da União Europeia¹³

A partir do momento em que um ser humano atravessa a fronteira, ele se conecta com uma nova forma de vinculação à comunidade global, como cidadão global. A percepção dessa dimensão global pode ser fundamentada pelo conceito de humanidade, em sua acepção *human-kind*, ou seja, humanidade como um todo, que agrega um conjunto de valores e princípios que conformam a consciência universal da humanidade.

Estar inserido no contexto da comunidade global e da cidadania global promove uma nova forma de pertencimento, ao todo, ao coletivo, ao global. Por isso, a próxima seção, também idealizada na fase preparatória da exposição, tem o objetivo de abordar a tese da humanidade como um todo.

1.3 A humanidade como um todo – *Humankind*

A migração forçada acarreta o sofrimento do ser humano em sua perspectiva individual, *humanness*, mas também atinge os interesses da humanidade considerada em seu todo, *humankind*, sentimento que é passado de geração para geração. Por isso, resolver o problema da migração e preservar a dignidade humana é obrigação de toda a comunidade internacional.

¹³ 10 FOTOS chocantes da crise dos imigrantes. **BBC News Brasil**. 4 SET. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_10_imagens_imigracao.

Humanidade diz respeito à qualidade de ser humano, *humanness*, e à consideração de todos os seres humanos em seu todo, *humankind*¹⁴, referindo-se, portanto, à qualidade de ser humano, em sentido abstrato e não à raça humana ou aos indivíduos humanos, uma vez que a totalidade da existência é indivisível e pertence a um movimento sem fronteiras.

A foto tirada pela pesquisadora no Museu do Amanhã retrata o globo terrestre e se conecta com a ideia de que o pertencimento a uma comunidade global também possibilita novas formas de exercício da cidadania, no âmbito global, o que desencadeia novos direitos, institutos e percepções que contribuem para a construção de novas formas institucionalizadas de concepção da cidadania.

¹⁴ LUBAN, David. A theory of crimes against humanity. Yale Journal of International Law, vol. 29, p. 85-167, 2004.



Fonte: LOUREIRO, 2024. Legenda: Foto tirada no Museu do amanhã pela pesquisadora Claudia Loureiro em 15/11/2024.

Nesse contexto, o princípio humanidade expressa um sentimento de boa vontade ativa em direção à humanidade, um valor moral ou atitude de delicadeza, gentileza, generosidade, paciência e compaixão¹⁵.

Bondade, gentileza, compaixão, generosidade, perdão, tolerância, paz entre os povos são virtudes que estão intrinsecamente ligadas ao ideal de humanidade, o que envolve o sentimento de aliviar e de prevenir o sofrimento de todos os seres humanos para se alcançar as necessidades planetárias, a consciência humana e a ética.

No curso da pesquisa, acrescenta Claudia Loureiro:

Achei a foto da garotinha segurando um balão em forma de coração no muro que divide um exemplo dessa conexão ao todo tão necessária e indispensável para toda a humanidade. Apesar do muro, as pessoas insistem em se comunicar e em demonstrar que ainda carregam o sentimento de pertencimento a algo maior do que a própria individualidade.

Num momento em que o mundo se inclina para a construção de muros, para o ressurgimento da convivência em burgos, sentir que estamos conectados para além das fronteiras nos move adiante e nos faz acreditar e ter esperança em dias melhores, pautados por uma realidade mais humana e inclusiva. O balão em formato de coração pode representar a empatia e o muro faz o contraponto insinuando a divisão, a exclusão e as diferenças insuperáveis. Pensar nessa dicotomia pode nos levar a refletir sobre qual das perspectivas prevalecerá: a humanidade como um todo ou o egoísmo, o egocentrismo, o individualismo. Prefiro acreditar na primeira opção¹⁶.

¹⁵ CHOPRA, Reema. **Shifting paradigm: towards a transformative and holistic vision of humanity**. Master. University of teacher education. Geneva, Switzerland, 2020. Disponível em: <https://solferinoacademy.com/wp-content/uploads/2021/10/Reema-Chopra-MAS-Thesis-on-Humanity-A-Call-for-Paradigm-Shift.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

¹⁶ Informação fornecida pela Profa. Claudia Loureiro durante a pesquisa, especificamente sobre o princípio da humanidade, em 2024.



Original mural of "Balloon Girl" by Banksy on Waterloo Bridge in South Bank in 2004. Photo Credit: Dominic Robinson, Wikipedia Commons.

Fonte: ROBINSON, 2004¹⁷.

Apesar do sentimento de esperança que a foto da Garota do Balão nos causa, não se pode esquecer que a migração forçada provoca o sofrimento das pessoas e, por isso, todos os seres humanos, os Estados, as organizações internacionais e não governamentais precisam ser sensíveis ao sofrimento dos migrantes. O desejo de aliviar esse sofrimento é o que nos faz humanos.

Sabe-se que nem sempre impera o sentimento de aliviar o sofrimento humano, uma vez que a comunidade internacional impõe barreiras e constrói muros para evitar a entrada de imigrantes em seus territórios e isso exacerba o sofrimento das pessoas que precisam fugir dos conflitos armados, das consequências dos desastres ambientais e da degradação dos direitos humanos.

A foto da escultura abaixo demonstra o trabalho intenso dos Estados para securitizar as fronteiras. É preciso destacar que a identificação dos migrantes é muito importante para protegê-los da exploração, do trabalho escravo e do tráfico internacional de pessoas, mas essa identificação não pode categorizar e discriminar pessoas e precisa ser feita no sentido de proteger e não de excluir.

¹⁷ ROBINSON, D. **Girl with Balloon.** 2004. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Banksy_Girl_and_Heart_Balloon_\(2840632113\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Banksy_Girl_and_Heart_Balloon_(2840632113).jpg)

A escultura selecionada pretende anunciar uma porta difícil de ser aberta, algo que revela as marcas da exclusão e da discriminação no contexto da mobilidade humana. A esse respeito Claudia Loureiro relata:

Quando vi a foto dessa escultura, senti que a mensagem transmitida se conectava exatamente com o ideal oposto defendido pelo Projeto Travessias Globais. Bater em portas que não se abrem é extremamente doloroso, causa ansiedade e frustração, o que muitas vezes pode assumir o aspecto de injustiça. Pensar nisso no contexto mais amplo da migração parece muito mais grave e causa um impacto bem mais perigoso e doloroso para as atuais e futuras gerações de migrantes. Penso que temos de evitar a construção de ressentimentos nas pessoas. Falar de securitização de fronteiras é dar margem a um mar de ressentimentos que podem eclodir em discurso de ódio, discriminação, violência estrutural e isso não me parece conectado com o sentimento de humanidade¹⁸.

¹⁸ Informação fornecida pela Profa. Claudia Loureiro durante a pesquisa, especificamente sobre a obra *Girl with Balloon* e o projeto Travessias Globais, em 2024.



Fonte: HAMMONS, 1969. Legenda: This work by David Hammons is violently self-explanatory. Like a lot of Hammons' work it has a performative aspect to it, he physically engages the viewer, by imprinting a body print

onto an admissions' office door. This work quite directly symbolises exclusion and alienation through the denial of entry. Hammons invites the viewer into a physical conversation about segregation¹⁹.

Durante a pesquisa, identifiquei conexões com a letra da música – *Humanity* –, da banda Scorpions, e senti que ela se relaciona com a ideia da globalização dos riscos, que exclui e desintegra, ao invés de compartilhar os interesses comuns da humanidade como um todo.

Humanity
It's au revoir to your insanity
You sold your soul to feed your maladies
Your fantasies and lies

You are a drop in the rain
Just a number not a name
If you don't see it
You don't believe it
At the end of the day
You are a needle in the hay
You signed and sealed it
And now you gotta deal with it

Humanity
Humanity
Goodbye²⁰

Ao refletir sobre a música, me deparei com diversas reflexões:

É necessário nos despedirmos da nossa versão do conceito de humanidade, que exclui, degrada, discrimina, ofende, divide. Precisamos dar adeus à humanidade que se vendeu para os interesses alheios à coletividade e nos reconectarmos com o verdadeiro sentido de *humankind*. Infelizmente, não sinto que estamos conectados com essa necessária visão de humanidade e a securitização das fronteiras mostra um pouco dos valores perdidos pela humanidade²¹.

Por isso, é preciso pensar a migração a partir dos interesses da comunidade global, de acordo com a consciência universal da humanidade a respeito dos direitos humanos dos migrantes, pois toda vez que um migrante é desumanizado, toda a humanidade é atacada em sua essência, tornando-se vítima da degradação dos direitos humanos. Por isso, a degradação dos direitos humanos num canto da Terra gera impacto no mundo inteiro²².

¹⁹ HAMMONS, D. **The Door (Admissions Office)**; Wood, acrylic sheet, and pigment construction; 200.7 × 121.9 × 38.1 cm; 1969. Disponível em: <https://artlyst.com/features/six-black-artists-depict-race-discrimination-mc-llamas/>.

²⁰ HUMANITY. Scorpions. Alemanha: Sony Music, 2007. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5sl6n6WxvRUW4bhZ1VJdFa?si=VURUCsiETFW8KCJ7tjbf0A>

²¹ Informação fornecida pela Profa. Claudia Loureiro durante a pesquisa.

²² Nota-se, nesse sentido, o documentário demonstra os desafios e os perigos enfrentados pelas equipes de resgate e pelos imigrantes, vide: <https://www.youtube.com/watch?v=u8cg5hhHJIA>.

Diante de tudo isso, pergunta-se se ainda somos capazes de praticar a bondade. A letra da música *Humankind*, do Coldplay, fala um pouco sobre isso:

Today I heard the strangest
I heard the strangest song
A DJ, a star away is playing it to turn us on
My heart started glowing
I feel it inside, it's flowing
I say I know, I know, I know we're only human
I know, I know, I know how we're designed, yeah
Oh, I know, I know, I know we're only human
But from another planet
Still they call us humankind
Today I had the strangest
Feeling that I belong
Before I was dying
I feel it inside, now I'm flying
I say I know, I know, I know we're only human
I know, I know, I know how we're designed, yeah
Oh, I know, I know, I know we're only human
But from another planet
Still they call us humankind
Before I was dying
I feel it inside, now I'm flying
I know, I know, I know we're only human
I know, I know, I know how we're designed
Oh, I know, I know, I know we're only human
But we're capable of kindness
So they call us humankind²³

Exercitar o sentimento de *humankind* torna-se possível a partir da noção de pertencimento ao todo, a algo que está além das fronteiras e da exclusão. Por isso, chegadas e partidas representam apenas uma fração de um todo ainda maior denominado *humankind* e não pode definir a essência da humanidade. De onde o ser humano parte e para onde vai, para além das fronteiras, se conecta com a ideia da cidadania global e não pode reduzir a pessoa a este aspecto individualizado do curso de sua jornada.

1.4 Chegadas e partidas

Ser um migrante significa estar sempre em movimento, chegando e partindo, sempre buscando um lugar de acolhimento, um lugar para pertencer.

Estações de trem, rodoviárias, aeroportos e portos são locais repletos de imigrantes e que registram muitos sentimentos vivenciados pelas pessoas nesses momentos disruptivos de chegar e de partir.

²³ HUMANKIND. Coldplay. Reino Unido: Parlophone, 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/coldplay/humankind/traducao.html>.

Medo, angústia, incerteza, ansiedade são sentimentos presentes nos gestos, olhares e no semblante dos migrantes nesses lugares.

A pintura – Angústia – reflete bem o sentimento que invade os corações das pessoas que se deslocam entre fronteiras, em situação de vulnerabilidade e expostas a diversos níveis de exploração.

A esse respeito, Loureiro explica:

Quando vi essa pintura eu estava desenvolvendo a pesquisa para a exposição e o quadro parecia se conectar com o sentimento de desespero e de angústia dos migrantes, principalmente aqueles que estão em perigo no mar. Entendi, assim, que a obra seria perfeita para retratar os corações dos migrantes entre chegadas e partidas, entre estações de trem, aeroportos, portos e estradas. Deixar tudo para trás, família, casa, amigos, história, quando isso ainda persiste, provoca muito sofrimento e tristeza. Pensei que, diante disso, precisamos ter um olhar mais empático para o outro que atravessa fronteiras. É uma travessia real e dentro de si mesmo, ao mesmo tempo²⁴.

Entre chegadas e partidas, a saudade está sempre presente na vida dos migrantes. Nessa parte da pesquisa, eu me lembrei do livro – O caçador de pipas, de Khaled Hosseini. Numa determinada passagem, um dos personagens retrata a lembrança do Afeganistão dos anos 70, descrevendo com exatidão e emoção o cheiro do chá com açúcar invadindo as ruas, a paisagem com o pôr do Sol, ao final do dia.

Isso demonstra que a memória afetiva criada permanece com as pessoas, mas as chegadas e partidas deixam muita saudade.

²⁴ Informação fornecida pela Profa. Claudia Loureiro durante a pesquisa.



Fonte: SCHENCK, 1878. Legenda: Anguish: Angústia é uma pintura a óleo de 1878 de August Friedrich Schenck²⁵.

1.5 Saudade

²⁵ SCHENCK, A. **Anguish.** 1878. Pintura a óleo. Disponível em: https://www.ngv.vic.gov.au/school_resource/art-start/image-bank/august-friedrich-schenck/.

Que saudade que dá! Saudade de casa, da escola, da família, do trabalho, do cheiro da comida, das pessoas, da rotina. Os migrantes vivem quase sempre separados de suas famílias e a saudade, muitas vezes, é um sentimento difícil de assimilar.

Muitos deles sonham em se conectar com suas famílias através da reunião familiar. As cartas dos migrantes aos seus familiares demonstram esse sentimento e a vontade de se reunir com todos. Muitos convidam os familiares a irem para os países de destino.

Numa das cartas que encontrei no acervo do Museu da Imigração, os filhos, Joaquina Marques e José Gomes Agostinho, chamam a mãe Luiza Marques para residir no Brasil. O texto revela o sentimento. A saudade da família que ficou no país de origem é retratada em lindas e emocionantes passagens. Nesta, especificamente, o migrante busca a reunião familiar, ao convidar a família para vir morar no Brasil. Num dos trechos da carta, é possível perceber o sentimento de perda do filho diante da notícia da morte do pai, que ficou no país de origem.

Em outra carta, a nora de Marco Tomasi o chama para residir no Brasil. Bartolo Tomasi manda notícias para sua mãe²⁶.

A saudade e a necessidade de reunião familiar remetem ao pertencimento.

1.6 Pertencimento – Esse desconhecido, o migrante!

“Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo.”²⁷

O migrante pertence ao mundo, é um cidadão global, mas conserva a sua identidade de origem. As fronteiras tradicionalmente constituídas pelos Estados se tornam porosas e frágeis diante da necessidade humana de migrar.

Todo ser humano pertence ao seu Estado de origem, com o qual mantém um vínculo jurídico-político, de nacionalidade, mas, também, pertence a uma comunidade global como cidadão global e todos merecem ser considerados como sujeitos de direitos no contexto nacional e global.

A condição do cidadão global pode ser percebida sob a perspectiva negativa e positiva, respectivamente, na medida em que os Estados não podem praticar ingerências indevidas na vida dos seres humanos, que têm o direito de migrar; devendo, também, criar políticas públicas para acolher adequadamente os seres humanos em situação de migração forçada, conferindo-lhes tratamento humanitário condizente com a sua condição humana.

²⁶ As cartas citadas podem ser acessadas pelos seguintes endereços eletrônicos, conforme a ordem de menção no texto: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/cartas/MI_CC_A0000115X.pdf e https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/cartas/MI_CC_A0000245X.pdf.

²⁷ A frase em epígrafe, atribuída a Sócrates, é de autoria de Plutarco que viveu cerca de 450 anos depois de Sócrates.

“(...) todos os homens em virtude do direito de propriedade em comum da superfície da Terra, sobre a qual o ser humano não pode se estender até o infinito, por ser uma superfície esférica, tendo que se tolerar uns juntos aos outros, e não tendo ninguém originariamente mais direito do que o outro de estar em um determinado lugar da Terra.”²⁸

O cartaz revela a ideia de pertencimento que deve permear a jornada dos migrantes que se dirigem a países diante dos quais não detém o vínculo de nacionalidade. “Eu pertenço a todos os lugares”, em tradução livre, é uma mensagem que se conecta com o ideal da cidadania global, pois não é a nacionalidade que torna o cidadão global digno de direitos, mas os direitos humanos inerentes à condição humana que o torna titular de direitos fundamentais em perspectiva global.

Apesar da importância e da relevância dos direitos inerentes à condição humana, o discurso e as práticas desumanizantes ainda são imperantes no mundo.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 73.



Fonte: SABATÉ, 2025. Legenda: “When we stop looking at the world through borders that separate us, we can become a more united and stronger human race.”²⁹.

1.7 Desumanização

A migração forçada causa a degradação dos direitos humanos das pessoas envolvidas no movimento migratório, ou seja, a desumanização, uma vez que as expõe a diversos níveis de exploração e de vulnerabilidade.

²⁹ SABATÉ, J. 2025. Pôster. Disponível em: <https://bankimooncentre.org/our-work/poster-competition/>.

Desumanizar significa conceber as pessoas como criaturas sub-humanas ao invés de seres humanos, considerando-as como menos que humanas³⁰.

A migração forçada objetifica as pessoas, coisificando-as e considerando-as menos que humanos. Isso torna as pessoas objeto e não sujeito de direitos, despersonalizando-as e, quando isso acontece, sua integridade é atacada, pois, se são tratadas como sub-humanos, sua humanidade é diminuída³¹.

A desumanização de um ser humano impacta na degradação dos direitos humanos de todos e, assim, toda a humanidade, *humankind*, passa a ser vítima.



Fonte: REUTERS, 2021. Legenda: Centenas de milhares de muçulmanos da etnia rohingya fugiram de Mianmar após uma campanha de violência contra eles³².

1.8 Depoimentos

³⁰ SMITH, David Livingstone. **Less than human**. New York: St. Martin Griffin Edition: 2012, p. 26. (TRADUÇÃO LIVRE).

³¹ SMITH, David Livingstone. **Less than human**. New York: St. Martin Griffin Edition: 2012, p. 26. (TRADUÇÃO LIVRE).

³² A foto está disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59562137>. Veja também: 1/25 Êxodo - Integrantes da minoria muçulmana rohingya chegam a Bangladesh em barcos improvisados, no domingo 10. Mais de 370 000 já fugiram (Danish Siddiqui/Reuters) (<https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/o-exodo-dos-refugiados-rohingyas-para-bangladesh>). Assista aos vídeos: Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=guFbJbsdHCs>; <https://www.youtube.com/watch?v=FkUhclUKLOk>

A história da desumanização reflete o poder de contar uma história única. Ao longo da história, a vida dos migrantes vem sendo contada a partir da fala secundária dos detentores do poder e aí está o perigo. Nas palavras do poeta paquistanês, Mourid Barghout, reproduzidas na fala de Chimamanda Adichie, uma história precisa ser contada a partir de diversos lugares, principalmente a partir da perspectiva das pessoas envolvidas³³.

Por isso, é preciso contar a história das pessoas a partir do seu próprio olhar e foi isso que tentei fazer nessa exposição, contar a história em primeira pessoa a partir da fala dos refugiados e das pessoas que trabalham com o acolhimento humanitário. Espero que você possa se emocionar com as falas que constam da exposição que pode ser conferida a partir da página intitulada “Travessias Globais” no Google Arts & Culture³⁴.

Na fase preparatória da exposição, colhi depoimentos de imigrantes, de uma Professora de Língua Portuguesa para imigrantes no Brasil, da pesquisadora Evelize Moreira, à época pesquisadora do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Nesse aspecto, registro um agradecimento especial ao Padre Simone, do Arsenal da Esperança, que confiou no meu trabalho, abriu as portas do Arsenal para mim e me aproximou das pessoas que deram os seus depoimentos.

Durante o registro dos depoimentos, percebi que, apesar das diferenças culturais, sociais, de origem, linguísticas e de costume, somos um só e todos pertencemos à humanidade.

1.10 Trans-Humanidade

“Apesar de tudo, ainda acredito que as pessoas são boas por natureza”³⁵

A raça humana é uma só. O mundo é um só. A humanidade é uma só. As fronteiras são porosas. Migrar é um direito humano! “A construção mútua entre culturas diversas não significa avaliar a que o outro deve renunciar para se tornar igual, mas compreender mutuamente o que nos separa e aceitar essa realidade.”³⁶.

A humanidade é um mosaico com pessoas de diversas partes do mundo, com culturas diferentes, costumes diferentes e com aparência diversa. Resta-nos aceitar o outro, sua diversidade e crescer para evoluirmos enquanto humanidade.

Essa ideia ficou registrada na Declaração sobre as Raças da UNESCO:

1 – Os cientistas estão de acordo, de um modo geral, em reconhecer que a humanidade é uma e que todos os homens pertencem à mesma espécie, *Homo*

³³ A referida menção pode ser encontrada em: https://www.instagram.com/reel/C8t-_DOtNQN/?igsh=MTFvN3Y3cTM0ZzZpcQ==.

³⁴ A página está disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/wwXR143CozCcg?hl=pt-BR>.

³⁵ Frase cuja autoria é atribuída à Anne Frank.

³⁶ ECO, Umberto. **Migração e tolerância**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

sapiens. Além disso, admite-se comumente que todos os homens se originaram, segundo todas as probabilidades, do mesmo tronco: as diferenças existentes entre os diversos grupos humanos são devidas ao jogo de fatores evolutivos de diferenciação, tais como a modificação na situação respectiva das partículas que determinam a hereditariedade (gens), a mudança da estrutura dessas mesmas partículas, a hibridação e a seleção natural. Foi assim que se constituíram grupos mais ou menos estáveis e mais ou menos diferenciados, que têm sido classificados de diversas maneiras, com intenções diferentes.

O homem é, por natureza, um ser social, que não chega ao desenvolvimento pleno de sua personalidade senão por meio de trocas com os seus semelhantes. Toda recusa de reconhecer esse liame entre os homens é causa de desintegração. É nesse sentido que todo homem é o guarda de seu irmão. Cada ser humano não é mais do que uma parcela da humanidade à qual está indissoluvelmente ligado (Unesco, 1950)³⁷.

A respeito, vale destacar a frase de Rosa Parks: “*I believe there is only one race.*”.

Além disso, a arte de Linda Guenste nos auxilia a compreender a humanidade como um todo, na perspectiva da *Trans_Humanidade*:

PEACE BEGINS WITH A SMILE:

I have been working on this project for about 12 years now. The piece consists of 500 portraits of people I have met locally and in my travels abroad. It's entitled 500 FACES - PEACE BEGINS WITH A SMILE. It includes portraits of women, men and children I have encountered on her numerous travels around the globe.

As a youngster, I had a dream of meeting everyone on the planet and making a personal connection. I know, ambitious and unrealistic. But I feel like this project has brought me a step closer to my goal.

When visiting different countries, I found it frustrating that I could not communicate with people in their native languages. I always found that the smile was an immediate ice breaker and it allowed us to connect and interact on a personal level.

These 6x6" oil paintings represents a colorful world population and diversity in a large mosaic of smiles and inclusion. They represent the global community with infectious joy and joviality. In a time of division and disjuncture, the smile is one of the important things that connects us and displays our humanity and compassion.

I see this piece displayed in a public forum for everyone to see and enjoy. It's a patchwork of the diversity in societies which leads to understanding and connection with people that may look slightly different from us yet share in our hopes and dreams and values. One people. One planet. One human race. 500 smiles (Guente, 2023).

³⁷ UNESCO. Declaração sobre as Raças da UNESCO, de 1950.



Fonte: GUENSTE, L. 2023³⁸.

A obra conecta-se com a frase de Madre Teresa de Calcutá: “A paz começa com um sorriso!”.

Trans_humanidade significa transcender as fronteiras da própria humanidade, reconhecer o outro, viver na diversidade, além das fronteiras, e trabalhar para aliviar o sofrimento do outro³⁹.

Finalizo com uma frase minha, que surgiu das experiências vivenciadas com a pesquisa para a realização da exposição: “Realizar travessias globais é da essência da humanidade e a humanidade, em sua essência, é uma”⁴⁰.

Conclusão

A conclusão da exposição virtual – Travessias Globais – me transformou como pessoa, docente, pesquisadora e ser humano e me fez repensar minha atuação profissional.

³⁸ Conferir a pintura e o trecho acima transcrito no link: <http://www.lindaguenste.com>. O processo de criação e comentários da autora podem ser encontrados pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=7pry6wLOWLM>.

³⁹ LOUREIRO, Claudia. O reset global: um caminho para a transhumanidade. **Revista Brasileira de Direito Animal**, vol. 17, p. 1-19, 2022.

⁴⁰ Frase de autoria da Profa. Claudia Loureiro durante as vivências da exposição.

Entendi que a vida não pode seguir um roteiro cartesiano e, na verdade, nunca seguirá. Somos refugiados de nós e em nós mesmos, realizando chegadas e partidas, transitando de um ponto a outro, sem um paradeiro certo.

Quando eu estava pesquisando no acervo do Museu da Imigração, as centenas de fotos de imigrantes me transportaram para um mundo distante e próximo de mim, ao mesmo tempo. Eu me encontrei no semblante e me conectei com o sentimento daquelas pessoas, o que me fez ter a ciência de que todos aqueles sentimentos são compartilhados por toda a humanidade.

Enquanto um ser humano sofrer a degradação de seus direitos humanos e for desumanizado no mundo, ninguém estará bem e feliz em nenhum lugar. Perceber a noção de consciência universal da humanidade, com o compartilhamento de sentimentos, angústia e incertezas, é o que nos conduz ao significado e à amplitude de humanidade como sujeito de direito.

Humankind é mais do que uma classificação, é o ponto de partida e de chegada do qual nos desconectamos quando decidimos, enquanto comunidade global, trilhar o caminho do ego-centrismo, do individualismo e da diferença.

Ao mesmo tempo em que escrevo esse relato de experiência, finalizo a leitura da obra – Tudo sobre o amor. Novas perspectivas – de Bell Hooks. No capítulo 8, intitulado “Comunidade: uma comunhão amorosa”, consta a seguinte passagem, de Parker Palmer:

Uma comunidade não pode florescer em uma vida dividida. Muito antes de uma comunidade assumir uma forma e uma aparência externas, ela deve estar presente como uma semente num *self* íntegro: apenas se estivermos em comunhão com nós mesmos poderemos encontrar a comunidade com os outros (Hooks, 2021, p. 161)⁴¹.

O livro não se restringe ao amor romântico entre duas pessoas, mas vai além, confirmando a ideia de que se não formos capazes de construir uma comunidade global pautada no amor, no respeito, na empatia, na simpatia, na gentileza, jamais nos libertaremos dos flagelos da humanidade: genocídios, conflitos armados, mobilidade humana...Seguiremos repetindo os mesmos erros que nos levarão ao nosso próprio aniquilamento.

Na série veiculada pela plataforma Prime chamada “A Terra sobrevive”, o principal personagem, ao descobrir que a humanidade se foi e que somente ele e outras poucas pessoas restaram, se desespera. Ele divide a sua jornada com um cachorro e, constantemente se sente angustiado pela solidão.

Isso demonstra que aceitar a consciência universal da humanidade para a construção de uma comunidade global sadia e sustentável é o caminho para a consolidação das travessias globais.

Desejo que essa exposição possa nos conectar com a perspectiva *humankind* e que possamos viver em uma comunidade global realizando muitas travessias globais.

Só posso finalizar com uma mensagem: gratidão pela experiência e pelo aprendizado!

⁴¹ HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas Perspectivas**. Editora Elefante, 1ª ed., v. 1, 2021.

Referências

- VILA DOS POETAS. **Chimamanda Ngozi Adichie, [...]**. Publicação de 27 de junho de 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C8t-_DOtNQN/?igsh=MTFvN3Y3cTM0ZzZpcQ==. Acesso em: 30 mar 2025.
- O ÊXODO DOS ROHINGYA [por] AFP PORTUGUÊS. 2017. 1 vídeo (1:47 min). Publicado pelo canal de AFP PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkUhciUKLOk>. Acesso em: 30 mar 2025.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitanism. Ethics in a world of strangers**. New York: Norton, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. Apud. DUFOIX, Stéphane. *Diasporas*. University California Press, 2015, p. 35.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 73.
- 10 FOTOS chocantes da crise dos imigrantes. **BBC News Brasil**. 4 SET. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_10_imagens_imigracao.
- CHOPRA, Reema. **Shifting paradigm: towards a transformative and holistic vision of humanity**. Master. University of Teacher Education. Geneva, Switzerland, 2020. Disponível em: <https://solferinoacademy.com/wp-content/uploads/2021/10/Reema-Chopra-MAS-Thesis-on-Humanity-A-Call-for-Paradigm-Shift.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- HUMANKIND. Coldplay. Reino Unido: Parlophone, 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/coldplay/humankind/traducao.html>.
- ECO, Umberto. **Migração e tolerância**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- LOUREIRO, Claudia. O reset global: um caminho para a transhumanidade. **Revista Brasileira de Direito Animal**, vol. 17, p. 1-19, 2022.
- LOUREIRO, Claudia. **Refugiados e Apátridas no Direito Internacional**. Belo Horizonte: Ar-
raes, 2018.
- LUBAN, David. A theory of crimes against humanity. **Yale Journal of International Law**, vol. 29, p. 85-167, 2004.
- MIGRANTE, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar? Migra-
ções em Debate, São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/en/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- EM PERIGOSA TRAVESSIA MARÍTIMA, POVO ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNI-
DAS [por] Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), 2018. 1 vídeo (1:45). Publicado

pelo canal de ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=guFbJbsdHCs>. Acesso em: 30 mar 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 29 mar 2025.

GUENSTE, L. Peace Begins With A Smile. *In*: Linda Guenste [Blog]. Disponível em: <http://www.lindaguenste.com>. Acesso em: 30 mar 2025.

HUMANITY. Scorpions. Alemanha: Sony Music, 2007. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5sl6n6WxvRUW4bhZ1VJdFa?si=VURUCsiETFW8KCJ7tjbf0A>.

EUROPE'S MIGRATION TRAGEDY: LIFE AND DEATH IN THE MEDITERRANEAN [por] Skynews, 2016. 1 vídeo (22:48). Publicado pelo canal de SkyNews. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u8cg5hhHJ1A>.

SMITH, David Livingstone. **Less than human**. New York: St. Martin Griffin Edition: 2012, p. 26. (Tradução Livre).

UNESCO. **Declaração sobre as Raças da UNESCO**, de 1950. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/I5D00056.pdf>.

VEJA. **1/25 Êxodo - Integrantes da minoria muçulmana rohingya chegam a Bangladesh em barcos improvisados, no domingo 10. Mais de 370 000 já fugiram** (Danish Siddiqui/Reuters). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/o-exodo-dos-refugiados-rohingyas-para-bangladesh>. Acesso em: 30 mar 2025.